



FILOSOFIA CLÍNICA: UMA INTRODUÇÃO À PSICOTERAPIA FILOSÓFICA, DE LÚCIO PACKTER

Por Rose Pedrosa

A presença da Filosofia Clínica na área de humanidades das Academias despertou diferentes ditames. Para a Filosofia acadêmica, a princípio, a problemática em torno dos universais. Para as áreas psicoterapêuticas, a tradição questiona a competência teórica para o exercício da atividade filosófica aplicada à terapia do indivíduo. Ao longo deste Curso pretendemos esclarecer a partir dos fundamentos e métodos da Filosofia Clínica a sua prática no uso do conhecimento filosófico à psicoterapia. Tanto quanto, contextualizar as contraposições erguidas diante da Filosofia Clínica pelo fato de sua novidade abalar fronteiras epistemológicas.

Inicialmente o filósofo clínico Lúcio Packter (Caderno A) define Filosofia Clínica como sendo: O uso do conhecimento filosófico à psicoterapia (A Filosofia Clínica é psicoterapia fundada e sistematizada na Filosofia). A atividade filosófica aplicada à terapia do indivíduo (A filosofia clínica é filosofia). “As teorias filosóficas empregadas às possibilidades do ser humano enquanto se realiza por si mesmo. „(existencial e fenomenológica).

Considerando as definições acerca da Filosofia Clínica enquanto psicoterapia, atentamos para a concepção anômala do termo psicoterapia na versão filosófico clínica quer dizer: a vivência da circunstância relacional (partilhante e filósofo clínico) objetivando remeter às pessoas envolvidas diferentes opções às questões por elas propostas; isso, com base nos procedimentos filosóficos clínicos. Especificamente, o filósofo situa-se entre as amizades de quem partilha uma trajetória de vida tendo-se nisso a busca de opções às problemáticas: nesse contexto, a psicoterapia praticada pela filosofia despreocupa-se primordialmente, como opção, com as curas médicas do estudo e da terapêutica das doenças mentais, afastando-se dos critérios como normal/patológico, doente/saudável, de tipologias. Todavia, localiza-se mais no âmbito da área de Humanidades, enquanto filosofia.

Então, quem é o filósofo clínico? Packter responde: “O filósofo clínico é inicialmente o estudante de filosofia disposto a compartilhar um caminho incerto com



outras pessoas, a atuar filosoficamente em cada endereço desse caminho tal, pois é em cada endereço que sua identidade se modela. Partilhando um período da existência de outro ser, sob a responsabilidade que o nomeou filósofo, sua identidade reside em sua posição dentro da situação vivenciada.” (Caderna A).

Inicialmente o que é fundamental ao entendimento do filósofo clínico na relação terapêutica com o outro, diz respeito a subjetividade e singularidade das vivências de cada um: Cada pessoa é a medida de todas as coisas. Como escreveu Protágoras, filósofo sofista: “O homem é a medida de todas as coisas/daquelas que são por aquilo que são e / daquelas que não são por aquilo que não são”.

A Filosofia Clínica está longe do Solipsismo epistemológico, da crença filosófica de que, além de nós, só existem as nossas experiências. O solipsismo é a consequência extrema de se acreditar que o conhecimento deve estar fundado em estados de experiência interiores e pessoais, não se conseguindo estabelecer uma relação direta entre esses estados e o conhecimento objetivo de algo para além deles. Kant definiu três tipos de juízo: O juízo analítico a priori: Aquele que explica uma definição. O juízo sintético a posteriori: Aquele juízo que resume uma experiência científica ou empírica. E o juízo sintético a priori: Aquele que é formado independentemente de qualquer experiência e por uma espécie de intuição intelectual obrigatória. O juízo em Filosofia Clínica é sintético a priori e também sintético a posteriori. Então, o entendimento passa por um ajuste entre o conhecimento subjetivo, singularizado na pessoa e o conhecimento objetivo instituído numa cultura, numa sociedade, numa época.

Estes conceitos orientam a nossa prática: O filósofo clínico, a pessoa que busca seus serviços, cada um em si mesmo, a resultante da relação entre ambos, essa é a medida das coisas.

Quando estamos diante de uma pessoa, de um acontecimento, de uma ideia, de alguma coisa que estamos vivendo, nós estabelecemos interseções com características:

- Como cada coisa aparece para mim, assim ela é para mim. Como cada coisa aparece para ti, assim ela é para ti. - Protágoras.

Isso quer dizer que “aquilo que uma pessoa sente, vive, afirma, faz — isso é assim para ela — independente de ser compartilhado com as outras pessoas, de ser aceito, criticado, ironizado, proibido e assim por diante.” (PACKTER).



Exemplo: o amor. Há quem diga que amar é proporcional a dificuldade da relação. E outros que optam por uma relação em que amar é facilitar a vida dos cônjuges.

- “O mundo é representação minha” - Schopenhauer.

Isso quer dizer que a pessoa que se expressa exibe como representa o mundo para si mesmo. (Mas, o Schopenhauer advertiu que o mundo vai muito além da minha representação).

Exemplo: O professor deve ser um educador propenso às mudanças, às singularidades e às subjetividades em sala de aula.

Ainda acerca das singularidades, diz PACKTER: “São muitas as maneiras de se conferir que cada pessoa é 'a medida de todas as coisas' de seu próprio mundo, e embora a vida em sociedade até o momento nos cobre medidas semelhantes, como forma de coexistência, é fácil constatar que tais medidas semelhantes podem ocasionalmente coincidir em igualdade, mas geralmente não são iguais.”

A partir destes dois Postulados surge um problema filosófico: Como é que fica a verdade? “Se cada pessoa tem sua opinião, somente dela, se vive cada acontecimento à maneira dela, se aquilo que é correto, nobre, bom, justo, verdadeiro, bonito, agradável, se tudo isso é algo que somente é assim para ela, no mundo que ela representou para si mesma” (PACKTER), então, como resolver entre tantas verdades, o que é verdade?